

DOI: [10.20396/rfe.v14i1.8668684](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i1.8668684)

## Corporeidade e epistemologia

Tadeu João Ribeiro Baptista<sup>1</sup> 

### Resumo

Corporeidade tem sido usada em situações diferentes, considerando que este termo se apresenta como um processo de totalidade do ser humano para além do corpo entendido como componente biológico. Assim, o objetivo geral é analisar as concepções epistemológicas deste conceito. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa a partir de livros e artigos, com textos publicados a partir de 2000, os quais fundamentaram este ensaio. Os resultados apresentam que o conceito de corporeidade possui análises provenientes da fenomenologia, do materialismo dialético e do movimento pós-moderno, sendo a primeira, a mais recorrente.

**Palavras Chave:** Corporeidade. Epistemologia. Concepções.

### Corporeity and epistemology

### Abstract

Corporeity has been used in different situations, considering this term presents itself as a process of the totality of the human being beyond the body understood as a biological component. Thus, the general objective is to analyze the epistemological conceptions of this concept. For this, a narrative review was carried out from books and articles, with texts published from 2000 onwards, which supported this essay. The results show that the concept of corporeity has been analyzed from phenomenology, dialectical materialism and the post-modern movement, and the first being is the most recurrent.

**Keywords:** Corporeity. Epistemology. Conceptions.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## 1. Introdução

O debate sobre o corpo vem de muito longe e, provavelmente, ainda irá bem adiante. Os embates conceituais sobre este e outros temas presentes nas Ciências, na Filosofia e nas Artes, têm se convertido em inúmeros campos de disputa hegemônica e reflexões que têm contribuído para alguns avanços na história humana.

O corpo faz parte deste grupo de inúmeros conceitos que são constantemente revisitados, trazendo uma série de concepções ora mais dualistas – como as famosas relações cindidas entre corpo e mente – ora em condições monistas, nas quais o corpo é visto como totalidade do ser humano. As possibilidades de exemplificar estas duas situações datam da Antiguidade Clássica Grega com Platão (Aproximadamente 428-347 a. C.) (PLATÃO, 2005) e Aristóteles (384-322 a. C.) (ARISTÓTELES, 2010).

Estes e vários outros autores poderiam ser apresentados em períodos filosóficos distintos e apresentam influências qualificadas na compreensão sobre o corpo até a atualidade. Devido a estas autoridades e suas produções, alguns autores procuraram estudar a concepção de corpo de vários grupos, principalmente na Educação Física, pois, este é um campo de conhecimento que lida e age diretamente com os corpos das pessoas.

Debater a concepção de corpo é importante, pois, entende-se que conceber o corpo como uma máquina de acordo com os dizeres de Descartes (2005; 2006) e La Mettrie (1865) é muito diferente de compreender o corpo como um veículo de comunicação do ser humano com o mundo segundo a compreensão apresentada por Merleau-Ponty (2011), para demonstrar algumas possibilidades entre outras.

Estas concepções podem impactar no trato pedagógico com os conteúdos, assim como, na relação professor-aluno, ou ainda, nas opções teóricas-metodológicas durante as aulas. De tal modo, é possível identificar pesquisadores que se debruçaram sobre o estudo das concepções de corpo, como Aranda et al (2012), Ferreira e Baptista (2013); Gama (2019); Silva, et al. (2009); Silva, Silva e Lüdorf (2011), para citar apenas alguns.

Quando se olha para produções provenientes da segunda metade do século XX para cá, autores demonstraram a diversidade de compreensões de corpo (GONÇALVES, 1994; MEDEIROS, 1998; MEDEIROS, 1999; MEDINA, 2009; SANTIN, 2003; ZOBOLI, 2012). Buscando o rompimento das dualidades e cisões, alguns outros conceitos são usados para se falar da totalidade corpórea (ARROYO, 2017) e, entre elas, quando se pretende adotar um conceito que procura fugir da concepção de corpo em sua dimensão orgânica específica, é bem frequente, adotar-se o conceito corporeidade. Provavelmente, um dos primeiros a usá-lo historicamente foi Avicena (980-1034), filósofo persa medieval. Em seu *Livro da Alma*, ele diz:

Dizemos, pois: podemos observar corpos que sentem e se movem voluntariamente; melhor, observamos corpos que se nutrem, crescem e geram semelhante[s]. Ora, isso não lhes ocorre por sua **corporeidade**, restando haver para tal, em suas essências, princípios que não são sua **corporeidade**. Assim, a coisa da qual procedem esses atos — em suma, tudo aquilo que é princípio para a procedência de ações, sem que haja de um único modo ausência de voluntariedade — chamamos “alma”. Esse vocábulo é um nome para esta coisa não em referência à sua substância, mas do ponto de vista de uma certa relação que ela possui, ou seja, do ponto de vista de que ela é princípio para tais ações (AVICENA, 2010, p. 26, grifo nosso).

Para este filósofo medieval, a corporeidade apresenta certa capacidade de movimento dos corpos, assim como, este movimento parecer apresentar um princípio, ou causa, que seria a própria alma. Nóbrega também apresenta este conceito a partir da expressão *corporeitatis* mencionada pelo teólogo medieval escocês Duns Scotus<sup>2</sup> (1266-1308):

Em nossa pesquisa, encontramos o termo corporeidade – do latim *corporeitatis*, na tradição escolástica, mais especificamente em Duns Scot – significando a realidade que o corpo possui como corpo orgânico, independente de sua união com a alma e que o predispõe a tal [...]. A compreensão de *corporeitatis* em Duns Scot mostra-se, a princípio, contraditória, pois aparentemente separa o orgânico da alma revelando independência [...]. É preciso estar atento para a compreensão de orgânico em sua independência da alma, mas o predispõe a tal.

---

<sup>2</sup> Quando se fazem buscas na internet, este filósofo aparece com os nomes de Scotus, Escoto e Nóbrega (2010) escreve Scot. Como os nomes antigos apresentam diversas escritas será usado aqui Scotus e outros possíveis conceitos quando houver uma referência específica.

Trata-se de uma causalidade particular, de nenhum modo linear [...] (NÓBREGA, 2010, p. 19).

Assim, é possível identificar que aparentemente o conceito corporeidade tem suas origens no período da escolástica e está presente em suas origens, ou na escolástica Árabe com Avicena ou na Escolástica Cristã com Duns Scotus. Essas análises apontam para uma possível origem árabe para o conceito. Porém, é bem provável que a compreensão de corporeidade destes dois autores (Avicena e Scotus), venham de influências de teólogos importantes do período da Patrística como é o caso de Santo Agostinho (354-430), ou mesmo de São Tomás de Aquino (1225-1274) como representante da Filosofia Medieval. Este último se fundamenta da *Metafísica* de Aristóteles, o qual influenciou muito a teologia cristã do período (CAHAUI, 2000).

Contudo, foi no século XX que a corporeidade foi mais disseminada. O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) tem uma contribuição significativa neste processo, tendo provavelmente sofrido influências de Scotus, segundo Nóbrega (2010).

O conceito “corporeidade” surge em duas passagens no livro *Fenomenologia da Percepção*, publicado em 1945. Este conceito está relacionado a outro aspecto fundamental, a de concepção de corpo do autor, pois, segundo ele: “[...] eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo” (MERLEAU-PPONTY, 2011, p. 207). Diz o filósofo francês:

O espaço e, em geral, a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento, **a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento**. Eis por que eles obstruem a consciência e são opacos para a reflexão (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 342, grifos nossos).

Ele complementa esta ideia afirmando:

A solução de todos os problemas de transcendência se encontra na espessura do presente pré-objetivo, em que encontramos nossa **corporeidade**, nossa sociabilidade, a preexistência do mundo, quer dizer, o ponto de desencadeamento das

“explicações” naquilo que elas têm de legítimo — e ao mesmo tempo o fundamento de nossa liberdade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 580, grifo nosso)

Por estas duas passagens, infere-se que a corporeidade é o meio de contato humano com o mundo e preexiste ao pensamento e à sociabilidade. Aparentemente, a corporeidade é a expressão e a comunicação corpórea, pois é pelo corpo que se caminha em direção ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2011).

Assim, pode-se identificar em meio às três proposições de corporeidade (Avicena, Duns Scotus e Merleau-Ponty) que ela demonstra não apenas uma relação de totalidade do ser humano, apesar de haver contradição do teólogo escocês apontada por Nóbrega (2010), e da perspectiva de alma como o elemento responsável pelo movimento da corporeidade em Avicena. Dentro das concepções apresentadas neste primeiro momento, a totalidade apresentada em relação à corporeidade é compreendida como uma unidade entre corpo e alma, ou seja, a corporeidade é a expressão da própria humanidade, especialmente para Merleau-Ponty (2011).

A corporeidade passou então a ser usada de forma frequente em algumas áreas, entre elas, a Educação Física, a filosofia e a pedagogia. O início de seu uso na Educação Física é identificado principalmente a partir dos anos 1980, quando este campo se aproxima das ciências humanas, sociais e da filosofia. Ao questionar a ideia de um corpo objeto, máquina, dicotômico, meramente orgânico e/ou biológico, os estudiosos que se aproximaram das humanidades buscaram uma concepção de amplitude do corpo e Merleau-Ponty se tornou uma referência importante entre muitos deles.

Neste período, as décadas de 1980 e 1990, vários autores começam a escrever sobre o corpo e a corporeidade adotando a lógica do corpo na Fenomenologia da Merleau-Ponty, entre eles, podem ser citados os trabalhos de Santin (2014); Moreira (1995) e Nóbrega (1997).

Contudo, quando se olha para a Educação Física brasileira a partir dos anos 1980, corporeidade é citada por inúmeros autores, não apenas aqueles que dialogam com a Fenomenologia de Merleau-Ponty, mas também outras

perspectivas teóricas. Entre eles, estão os livros *O brasileiro e seu corpo* (MEDINA, 2009) e *Metodologia do Ensino da Educação Física*, muito conhecido como Coletivo de Autores, publicado em 1992 (SOARES, et al., 2012). No livro de Medina, não existe uma discussão específica sobre o conceito corporeidade, mas, o primeiro tópico do terceiro capítulo denomina-se “*As condições concretas da corporeidade*” (MEDINA, 2009, p. 75). Neste livro, o autor assume uma perspectiva materialista dialética. Diz o autor:

Destaco aqui algumas ideias do filósofo alemão Karl Marx que permitiram uma leitura mais acurada e crítica do mundo em que vivemos e, em particular, das sociedades capitalistas, fornecendo, assim, elementos que canalizem a nossa reflexão para o corpo dos brasileiros em uma perspectiva de classes; [...], procuro destacar também uma relação dialética entre os fenômenos determinantes e os determinados, que recupera, de certa maneira, o papel do indivíduo ou do corpo, na luta pela transformação de uma realidade injusta (MEDINA, 2009, p. 26).

O Coletivo de Autores também é conhecido como um livro fundamentado no materialismo histórico dialético. Na obra, os autores dizem:

Assim o homem, simultaneamente ao movimento histórico de construção de sua **corporeidade**, foi criando outras atividades, outros instrumentos e através do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo (SOARES et al, 2012, p. 40, **grifo nosso**).

Estes dois exemplos demonstram que o uso de corporeidade, ao menos no início dos anos 1990<sup>3</sup>, era usado como uma compreensão mais ampla de corpo, o adotavam independentemente da perspectiva teórica. Apesar de uma série de debates que podem ser travados, no Brasil o conceito de corporeidade<sup>4</sup> acaba muitas vezes se apresentando muito mais na tradição epistemológica fenomenológica, apesar de esta ser um dado a ser investigado.

---

<sup>3</sup> Apesar de as edições usadas para este texto serem geralmente dos anos 2000, as primeiras edições destes livros foram publicadas no início da década de 90 do século XX, respectivamente, Medina em 1990 e Soares et al. em 1992.

<sup>4</sup> No Brasil há outro conceito que muitas vezes é discutido como sinônimo de corporeidade que é corporalidade. Existem contradições e dúvidas sobre estes conceitos, o que ajuda a justificar a realização deste estudo. Porém, corporalidade não será tratado aqui. Se houver interesse, sugere-se consultar a revisão integrativa de Kirsten, Avelar e Baptista (2022).

A partir desses aspectos, este artigo questiona: Quais são as teorias epistemológicas em que o conceito Corporeidade é apresentado?

Como objetivo geral, pretende-se analisar as perspectivas epistemológicas do conceito corporeidade. Como objetivo específico pretende-se analisar como alguns autores concebem corporeidade em seus textos. Deste modo, este texto será apresentado em três momentos centrais. No primeiro, será apresentada a metodologia adotada ao longo deste texto apoiado nos fundamentos da revisão narrativa. Em seguida, serão apresentados conceitos de corporeidade identificados na literatura consultada e, finalmente, será discutida a matriz epistemológica que tem dado sustentação ao conceito “corporeidade” no Brasil.

## 2. Metodologia

Este texto é parte de uma pesquisa maior que vem sendo desenvolvida com a intenção de compreender alguns conceitos relacionados ao corpo, como é o caso da corporeidade. Este é um trabalho teórico, qualitativo, que se apoia nos procedimentos da revisão narrativa (CORDEIRO et al., 2007; GRANT; BOOTH, 2009). O foco da

[...] revisão da literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva (CORDEIRO et al, 2007, p. 429-430).

A revisão narrativa tem características próprias e a sua análise pode ter características cronológicas, conceituais, temáticas, entre outras (GRANT; BOOTH, 2009). Neste caso o foco se aproxima de aspectos conceituais e temáticos. Também foi feita uma análise epistemológica a partir da Matriz Paradigmática (MAPA) proposta por Sanchez Gamboa (2017), tendo centralidade no nível epistemológico dos trabalhos selecionados.

A seleção do material se fundamentou em textos que apresentassem o debate sobre a corporeidade (termo de busca usado apenas em português) na forma de livros, capítulos de livros ou artigos, os quais poderiam ajudar a compreender melhor as concepções de corporeidade. Foram selecionados textos possíveis de serem acessados na íntegra, considerando as diferentes fontes bibliográficas impressas e digitais, publicados a partir de 2000.

Foram excluídos deste estudo, os trabalhos de conclusão de curso na forma de monografias, dissertações e teses, editoriais, entrevistas, resenhas, verbetes, apresentação de grupos ou projetos de pesquisa ou textos que não tenham sido encontrados na íntegra para análise, ou escrito em outras línguas.

Nos Quadros 1 e 2, são apresentados os textos que foram selecionados para esta pesquisa, de acordo com a divisão em artigos e livros (aqui, adotando-se como referência os capítulos analisados). Do total, foram selecionados 13 artigos publicados entre 2000 e 2021 e 7 livros publicados no mesmo período.

**Quadro 1:** Textos sobre corporeidade analisados a partir de artigos em periódicos

Autor	Título do texto	Ano
AHLERT, Alvori	Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade	2011
AVANÇO, Leonardo D.; LIMA, José M. de; NEIRA, Marcos G.	Formação da identidade em âmbito hipercultural: corporeidade e filosofia	2021
BARCO, Aron P.	A concepção husserliana de corporeidade: a distinção fenomenológica entre corpo próprio e corpos inanimados	2012
BONFIM, Tânia R.	Corporeidade e educação física	2011
DAL-COL, Patrícia S.; GALVÃO, Edna F. C.	Do paradigma da corporeidade à semiótica do corpo: uma reflexão sobre a produção de subjetividade nas vivências em Biodanza.	2020
FREIRE, Luciana B. de O.; LIMA, Patrícia F. R.	Reflexões sobre corpo, práxis e corporeidade.	2019
GAIGER, Paulo J. G.	Um ensaio sobre a corporeidade	2000
HEROLD JUNIOR, Carlos	Corporeidade e alteridade: reflexões a partir da história da educação e da área de trabalho e educação	2007
HEROLD JUNIOR, Carlos	Os processos formativos da corporeidade e o marxismo: aproximações pela problemática do trabalho.	2008
JOÃO, Renato B.; BRITO, Marcelo de.	Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo	2004



JOÃO, Renato Bastos.	Corporeidade e epistemologia da complexidade: por uma prática educativa vivencial.	2019
NÓBREGA, Terezinha P. da.	Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty.	2008
QUEIROZ, Camila	Corporeidade: o corpo, entre a filosofia e o direito.	2021

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 2:** Textos sobre corporeidade analisados a partir de livro e capítulos de livro

Autor	Título do texto	Ano
LE BRETON, David.	Sociologia do corpo.	2010
NÓBREGA, Terezinha P. da.	Uma fenomenologia do corpo.	2010
PORPINO, Karenine de O.	Dançar é educar: refazendo conexões entre corpo e estética.	2009
SANTIN, Silvino	Qualidade de vida e esporte nos caminhos da filosofia da corporeidade.	2002
SIMÕES, Regina; PICCOLO, Vilma L. N.	Corporeidade e motricidade humana na educação física: uma possibilidade de transcendência da área	2012
MOREIRA, Wagner W.	Formação profissional na área da educação física: o fenômeno corporeidade como eixo balizador	2012
MOREIRA, Wagner W.; SIMÕES, Regina	Corporeidade e formação profissional na área da educação física e dos esportes	2016

Fonte: Elaboração própria.

Para a análise dos dados, além da proposta organizada por Sanchez Gamboa (2017), adotou-se também, uma análise quanti-qualitativa.

Essas categorias modificam-se, complementam-se e transformam-se uma na outra e vice-versa, quando aplicadas a um mesmo fenômeno. De fato, as duas dimensões não se opõem, mas se interrelacionam como duas fases do real num movimento cumulativo e transformador, de tal maneira que não podemos concebê-las uma sem a outra, nem uma separada da outra (SANTOS FILHO; GAMBOA, 1997, p. 1015).

### 3. Primeiras Aproximações Sobre a Corporeidade

A intenção central deste tópico é debater diferentes formas de olhar e conceber a corporeidade. As diferentes concepções serão apresentadas, sem a intenção de esgotar o debate, o que demanda um esforço e uma pesquisa mais ampla, ainda por ser feita. Para analisar as concepções de corporeidade deste estudo, serão apresentadas as concepções de acordo com os textos

selecionados, as quais serão demonstradas nos quadros 3 (com os artigos) e 4 (livros/capítulos de livro):

**Quadro 3** – Concepções de corporeidade presente nos artigos analisados

Autor	Concepção
AHLERT, 2011, p. 225.	[...] corporeidade indica a essência ou a natureza do corpo [...] localiza o ser humano como um ser no mundo. É a maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo com seu corpo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) num contexto de inseparabilidade [...]. Neste contexto, o corpo já não se dissocia da mente, já que fazem parte de um conjunto que se inter-relaciona contínuo e ininterruptamente.
AVANÇO; LIMA; NEIRA, 2021, p. 12.	[...] a corporeidade ganha em importância à medida que desenvolve estudos sobre os corpos concebidos como conjuntos abertos de conexões que fornecem as bases humanas de experiências da espiritualidade, da sensibilidade, do pensamento, das emoções etc.
BARCO, 2012, p. 5.	Assim desponta uma noção muito cara a Husserl: a distinção entre [...] a tematização fenomenológica da corporeidade subjetiva, mas conecta-se com a abordagem da unidade psicofísica, a unidade inseparável da subjetividade material com sua ‘imaterialidade’ (i.e., a consciência) responsável pela constituição e pela intuição do outro. Husserl pensa tal unidade como uma real unidade da vida psíquica com o corpo físico, o que implica numa concepção do anímico que não é oposta ao corporal, ou que a <i>res cogitans</i> não é de substância distinta da <i>res extensa</i> .
BONFIM, 2011, p. 2.	Compreender o corpo então, somente é possível a partir das experiências e vivências estabelecidas nas relações consigo, com os outros e com o mundo. E a esta capacidade de cada pessoa sentir e apossar-se do seu próprio corpo como meio de manifestação e interação com o mundo chamamos de corporeidade.
DAL-COL; GALVÃO, 2020, p. 29837.	A corporeidade ocorre no terreno da vivência, no espaço da mediação entre o somático e o psíquico [...]. A noção de corporeidade inaugura e resgata a dimensão total e afetiva do ser. Para abarcar seu significado é preciso vestir-se de simbologia, de transcendência, de imanência, vestir-se de vivência. Najmanovich, (2001) afirma que assumir essa posição é pensar em uma multidimensionalidade da experiência corporal, é conceber uma nova visão de corpo: “corpo vivencial” ou “corpo experiencial”.
FREIRE; LIMA, 2019, p. 2.	Tal prática transformadora, presente na materialidade das mediações, emerge do mundo vivido e da intencionalidade corporal, estabelecendo-se, portanto, uma relação com a corporeidade. Assim, partimos de uma noção de corporeidade que não está ligada a tradição dualista das oposições corpo/alma; sensível/inteligível, mas sim, a uma concepção fenomenológica de corporeidade expressa na subjetividade encarnada e nos processos perceptivos do corpo que, segundo Nóbrega (2005), não é objeto, nem ideia, mas constitui-se como singularidade da existência do ser humano em movimento.

GAIGER, 2000, p. 97.	A corporeidade envolve uma mudança de percepção do “eu” e do mundo, uma ruptura de tudo aquilo que entendemos como normal e imutável, que está e é como um dever-ser. A corporeidade é ser humano que é eu-corpo, é eu-devir que se constrói em permanentes trocas e aprendizados com o outro, ampliando os graus de sensibilidade, de ressonância e de compreensão.
HEROLD JUNIOR, 2007, p. 10.	A [...] corporeidade, [é] concebida como a característica inabsorvível da existência cotidiana de cada pessoa e que, para ser “utilizada” nas novas organizações, deve ser, primeiramente, considerada como tal.
HEROLD JUNIOR, 2008, p. 108.	[...] o trabalho também oferece as bases sobre as quais o relacionamento entre natureza e sociedade é efetivado, sendo nesse relacionamento construídas as capacidades humanas ligadas à corporeidade. Partindo do processo social e histórico de projeção, recebimento e transformação da sensibilidade e intelectualidade humana, baseado no processo coletivo de desenvolvimento de instrumentos que medeiam a relação homem e natureza, Scarry (1985) conclui que é o corpo e seus sentidos que diferenciam, individualizam e, ao mesmo tempo, socializam a experiência humana.
JOÃO; BRITO, 2004, p. 226.	Assim, a corporeidade constitui-se das dimensões: física [...], emocional-afetiva [...], mental-espiritual [...] e a sócio-histórico cultural [...]. Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade. É neste sentido que buscamos a compreensão da complexidade humana, tanto em nível individual quanto em nível social”.
JOÃO, 2019, p. 2.	O conceito de corporeidade [...] evidencia e alicerça pontes que possibilitam a comunicação entre as várias áreas do conhecimento e, ao mesmo tempo, entre as várias dimensões que constituem o ser humano. [...] permite estabelecer uma visão complexa acerca do ser humano, reconhecendo a relação entre o todo e as partes que o constituem, sem, no entanto, ter a pretensão de esgotar o entendimento das partes e, conseqüentemente, do todo.
NÓBREGA, 2008, p. 147.	A experiência vivida é habitada por esse sentido estético presente na corporeidade, compreendida como campo de possibilidades para nos aprofundarmos nos acontecimentos, retomando sentidos e significados da linguagem e do conhecimento.
QUEIROZ, 2021, p. 7.	Visto que Merleau-Ponty, perquiri infringir com a contraposição entre natureza e cultura, elabora-se uma ideia de corporeidade que sopesa, inicialmente, o corpo (carne) como forma de assimilação suscetível de significado, [...]. Se, na concepção dele, as acuidades e entendimentos do mundo fundamentam-se num corpo biológico, paralelamente definem-se pela coletividade e pela cultura inerente ao grupo em específico.

Fonte: Elaboração Própria

No quadro 4, serão exibidas as concepções de corporeidade encontrada nos livros analisados.

#### **Quadro 4** – Concepções de corporeidade presente nos livros e capítulos de livros

Autor	Concepção
LE BRETON, 2010, p. 65.	[...] a importância da relação com o outro na formação da corporeidade, constata de forma irrestrita a influência dos pertencimentos culturais e sociais na elaboração da relação com o corpo [...]. Se a corporeidade é matéria de símbolo, ela não é uma fatalidade, que o homem deve assumir e cujas as manifestações ocorrem sem que ele nada possa fazer.
MOREIRA, 2012, p. 38	O sentido da corporeidade evidencia-se quando sabemos que o uso do corpo ultrapassa o nível biológico, o nível dos instintos, chegando à criação de um mundo simbólico, de significações. Mundo natural e mundo cultural formam uma unidade que a corporeidade vivencia [...]. Mais uma vez, enfatizamos que o conceito de corporeidade em Merleau-Ponty considera a realidade do corpo para além das dicotomias corpo e mente, natureza e cultura, individual e coletivo. Para esse autor, corporeidade é consciência encarnada, existencializada.
MOREIRA; SIMÕES, 2016, p. 49.	[...] a corporeidade é, existe e possui, através da cultura, significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por meio da aprendizagem, significa aprendizagem da cultura [...] enfatizando aqui a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história, fazendo cultura.
NÓBREGA, 2010, p. 20	Compreendemos a noção de corporeidade como sendo a unidade que engloba a pluralidade de formas ou de existências. Os diferentes corpos são considerados a partir de uma existência própria, embora parcial, quando se entende a corporeidade como sendo unidade [...]. A corporeidade é a unidade da pluralidade de formas, isto é, na pluralidade de numerosos e diversos corpos existencializados. Desse modo, existe como potencialidade, na percepção, na ética, na estética, enfim, como construção autopoietica.
PORPINO, 2009, p. 69.	A partir do conceito de corporeidade, é possível entender o corpo como possuidor de uma singularidade que somente se compreende na pluralidade da existência com outros corpos e que é capaz de gerar conhecimento, autogerando-se, a cada momento, a partir da inevitabilidade da coexistência entre a sensibilidade e a razão. Assim, a Corporeidade desvela o corpo em sua essência [...], restitui a este a sua capacidade de gerar conhecimento, de reconhecer-se como sujeito da percepção, sendo ao mesmo tempo objeto percebido por outros corpos.
SANTIN, 2002, p. 228- 229.	Inicialmente, como tomada de posição preliminar, coloco a questão do corpo ou da corporeidade em duas dimensões. A primeira é a corporeidade vista nos limites da ordem biológica. O corpo seria o resultado do processo evolutivos como ação da natureza. Teríamos uma corporeidade de ordem natural. A segunda dimensão coloca a corporeidade como uma ruptura do biológico. Através da construção simbólica. Trata-se, por assim dizer, de uma segunda corporeidade sobreposta à primeira, como fruto do imaginário individual e social. Essa corporeidade em segunda dimensão concretiza-se na existência de cada pessoa e na cultura coletiva.
SIMÕES; PICCOLO, 2012, p. 18.	Pensamos numa corporeidade que nos faça cuidar de nós mesmos e de melhorar as nossas relações com os próximos, que nos faça ao mesmo tempo mais saudáveis e mais conscientes de nossas possibilidades, de nosso entorno e de nosso limite. A corporeidade, neste sentido, implica

	numa atitude ética [...], demanda transcendência, aprimoramento de si mesmo, obtenção de conhecimento e preocupação com o outro. E isso envolve atitudes responsáveis perante o mundo, visando a contribuir para a construção de um futuro melhor, no qual a vida seja vivida com qualidade, pela maior parcela possível de seres humanos.
--	--

Fonte: Elaboração Própria

As concepções sobre corporeidade apresentadas, na grande maioria, têm seus fundamentos respaldados em Merleau-Ponty de modo direto (BONFIM, 2011; DAL-COL; GALVÃO, 2020; FREIRE; LIMA, 2019; MOREIRA, 2012; MOREIRA; SIMÕES, 2016; NÓBREGA, 2008; 2010; PORPINO, 2009; SANTIN, 2014; QUEIROZ, 2021) ou indiretamente (GAIGER, 2000). Por sua vez, Barco (2012) confabula com Husserl (1859-1938).

Em outra perspectiva teórica, Ahlert (2011); João e Brito (2004); João (2019); apresentam uma contiguidade com os estudos pós-modernos da Teoria da Complexidade de Edgar Morin (nascido em 1921). Por outro lado, os estudos de Avanço; Lima e Neira (2021) e mesmo Le Breton (2010), apresentam análises com fundamentos pós-modernos. Deve-se registrar ainda que Le Breton, é um importante autor francês da atualidade que tem se debruçado há algum tempo sobre o corpo e a corporeidade. Finalmente, Herold Junior (2007; 2008) dialoga com a Sociologia de Marx (1818-1883) e marxistas como Vásquez (1911-2011) e Lukács (1885-1971).

O ponto central dos Quadros 3 e 4, são as explicações e “categorias” adotadas pelos autores para fundamentarem as suas compreensões de corporeidade. Como já foi evidenciado, Merleau-Ponty ajuda a sustentar a corporeidade compreendida como: o “eu-corpo, a totalidade do ser humano” (GAIGER, 2000); “a experiência vivida” (NÓBREGA, 2008); “a coexistência entre a sensibilidade e a razão, em sua essência existencial complexa” (PORPINO, 2009); “apossar-se do corpo como meio de manifestação e interação com o mundo” (BONFIM, 2011), uma “consciência encarnada, existencializada” (MOREIRA, 2012); “singularidade da existência do ser humano” (FREIRE; LIMA, 2019); “implica numa atitude ética [...], demanda transcendência, aprimoramento de si mesmo, obtenção de

conhecimento e preocupação com o outro” (SIMÕES; PICCOLO, 2012), ou ainda “um corpo uno, individual e inalienável” (SANTIN, 2014).

No diálogo com Husserl, a corporeidade se relaciona com *Körper* e *Leib*, constituindo uma unidade psicofísica (BARCO, 2012). Nas relações com o trabalho, a corporeidade é identificada por ser “a característica não absorvível da existência pessoal” (HEROLD JUNIOR, 2007), ou ainda, “processo social e histórico de projeção, recebimento e transformação da sensibilidade e intelectualidade humana, baseado no processo coletivo de desenvolvimento de instrumentos que medeiam a relação homem e natureza” (HEROLD JUNIOR, 2008).

Os autores que trabalham com as lógicas de Merleau-Ponty e Husserl consideram a corporeidade como a própria pessoa, na sua experiência consigo, com os outros e com o mundo, uma experiência vivida e um meio de comunicação intersubjetiva, uma relação social e cultural que pode ser desenvolvida na relação com o outro. Todavia, ao se olhar para Marx é importante compreender que as determinações sociais estabelecem a relação da pessoa consigo, com o outro e com a natureza através de uma relação metabólica denominada trabalho (MARX, 2010; 2017; MARX; ENGELS, 1998).

Os autores que dialogam com Morin entendem a corporeidade como “uma totalidade, um conhecimento do e sobre o corpo, que parte do biológico, mas, não se dissocia da mente” (AHLERT, 2011), “múltiplas dimensões da totalidade na complexidade humana” (JOÃO; BRITO, 2004); “permite estabelecer uma visão complexa acerca do ser humano, reconhecendo a relação entre o todo e as partes” (JOÃO, 2019). Em outra análise, a corporeidade se constitui por “conjuntos abertos de conexões que fornecem as bases humanas de experiências da espiritualidade, da sensibilidade, do pensamento, das emoções etc.” (AVANÇO; LIMA; NEIRA, 2021) e, finalmente, “uma matéria de símbolo e o objeto da construção da sociedade e da cultura” (LE BRETON, 2010).

Nesses últimos autores, há certa separação entre as diferentes dimensões do ser humano. Mesmo demonstrando busca pela totalidade, não

abandonam a noção que parte do biológico e de se tornar um objeto. Desta maneira, aparentemente, eles não avançam para a gênese de uma unidade de um corpo-sujeito, e sim de um corpo objeto e fragmentado.

Também o fato de estes autores pensarem o ser humano por meio de sistemas de comunicação abertos, de sua complexidade, não demonstram elementos suficientes para superar a relação entre o corpo e a mente nas perspectivas da dualidade.

#### 4. Entendendo a Corporeidade Epistemologicamente

Discutir corporeidade do ponto de vista dos aspectos epistemológicos é uma tarefa delicada e traz em sua análise mais detalhada, algumas armadilhas e indefinições bastante significativas.

Nessa tentativa de compreender melhor o conceito de corporeidade, apresentam-se problemas de definição e clareza em seu uso. Uma revisão sistemática que Scorsolini-Comin e Amorim (2008) realizaram em periódicos da Psicologia demonstra este fato. Os autores usaram como unitermos para a busca nas bases de dados corporeidade, corporalidade, corporeidade e cultura, corporeidade e dialogismo, além de termos em inglês como *corporality*, *corporeality*, *embodiment*, entre outros.

Os autores usaram corporalidade e corporeidade por compreender estes conceitos como sinônimos e, nas conclusões deste estudo, os autores salientam que:

Um ponto de surpresa refere-se à ausência de uma clara definição de corporeidade. Os trabalhos recuperados trazem a concepção de modo diluído em seus pressupostos de base, deixando subentendida a noção adotada, ou seja, não enfocam na necessidade ou na busca de definição dessa noção, apenas utilizando-a com maior ou menor destaque (SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2008, p. 210).

Gleyse, Kaneko e Soares (2015) também se debruçaram sobre o debate relacionado à corporeidade. De acordo com os autores, o conceito de

corporeidade é utilizado na Fenomenologia quando analisam o comportamento social e as práticas corporais.

Os autores utilizam metodologias diversificadas, entre elas a análise da produção de Jacques Gleyse, pesquisador francês da atualidade. Ao longo das discussões apresentadas, os autores ressaltam:

Ao apreciar o propósito deste estudo Gleyse enuncia que, se, e somente se, é necessário estabelecer lógica de pensamento como opção teórica entre os conceitos de corporeidade e corporalidade<sup>5</sup>, a forma de explicar para caracterizar essa lógica é correlacionar a corporeidade ao verbo e a corporalidade a carne. No entanto, é a observação e análise do cotidiano dos sujeitos que define o corpo em sua expressão e construção: a experiência vivida e tal distanciamento conceitual se reduz à terminologia (GLEYSE; KANEKO; SOARES, 2015, p. 70).

Na conclusão do texto, os autores dizem que existe um paradoxo terminológico entre corporeidade e corporalidade, pois “[...] há que considerar sua totalidade dimensional e as implicações da prática vivencial. Nessa lógica as terminologias corporeidade e corporalidade não se constituem obstáculo epistêmico para falar do corposujeito” (GLEYSE; KANEKO; SOARES, 2015, p. 74).

Avançando para outro ponto de análise, pretende-se analisar a corporeidade a partir dos paradigmas epistemológicos. Desse modo, construiu-se a tabela 1 para se fazer a análise dos paradigmas, os quais serão definidos aqui a partir da proposta paradigmática de Triviños (1987).

**Tabela 1** – Análise dos textos analisados pelo paradigma epistemológico

Paradigma	Frequência	Percentual
Positivismo	0	0
Fenomenologia	13	65
Materialismo Dialético	2	10

<sup>5</sup> Apesar de este texto não centrar no debate sobre a relação entre corporalidade e corporeidade, alguns autores, como é o caso de Gleyse, Kaneko e Soares (2015) tem se debruçado sobre o tema. Como o objetivo deste artigo é entender o uso do conceito de corporeidade e os seus fundamentos epistemológicos, entende-se que é importante fazer essa discussão, ainda que superficialmente.



Pós-Moderno	5	25
Total	20	100

Fonte: Elaboração Própria

A partir dos textos analisados, é possível demonstrar, a partir da tabela 1, o fato de a Fenomenologia ser o paradigma epistemológico mais frequente quando o conceito adotado é corporeidade.

Uma porção significativa dos pesquisadores o adota em decorrência dos estudos de Merleau-Ponty, reconhecido filósofo desse paradigma. Inclusive é provável que a maioria dos estudiosos adote a corporeidade como referência devido à produção deste autor. Entre os pesquisadores analisados, identificou-se a influência desse autor francês nas pesquisas de Gaiger (2000), Nóbrega (2008; 2010), Porpino (2009), Bonfim (2011), Moreira (2012), Simões e Piccolo (2012), Santin (2014) e Moreira e Simões (2016). Por outro lado, Barco (2012) se mantém na tradição fenomenológica de Husserl, criador desta matriz epistemológica.

Todavia, identifica-se, ainda que de maneira mais tímida, a corporeidade no materialismo dialético (HEROLD JUNIOR, 2007, 2008). Entre os argumentos apresentados no materialismo dialético, ocorreram:

O estudo da relação entre corpo e trabalho e a amplificação de seus resultados surgem como possibilidades de considerarmos a formação da corporeidade humana pelo prisma do materialismo histórico. [...] é extremamente difícil encontrar estudos que versem sobre a corporeidade e suas relações com esse mundo (HEROLD JUNIOR, 2007, p. 98).

De acordo com o próprio autor, fato com o qual se concorda, alguns estudiosos que examinam o capitalismo com orientação marxista entendem o corpo como algo menor quando se analisa as determinações sociais sobre homens e mulheres. “Nesse sentido, colocamos a possibilidade de exercer essa crítica tomando os processos formativos da corporeidade e evidenciando que eles podem ser analisados a partir das bases do materialismo histórico” (HEROLD JUNIOR, 2008, p. 108).

Entre outros autores que não fizeram parte do corpus desta pesquisa, contudo, aventam sobre corporeidade no materialismo dialético está Arrais Neto (2015, p. 182), para o qual: “Esse aspecto particular da influência da subjetividade e da própria compreensão de como se constitui essa subjetividade é o foco do que aqui queremos desenvolver como elemento de síntese da Dialética clássica (Marx, Lukács, Kosic) [...]”. Por sua vez, Herold Junior (2007; 2008) critica a corporeidade quando esta é analisada por meio do movimento pós-moderno, pois a corporeidade deve ser vista em sua relação com o trabalho como categoria ontológica, aspecto não considerado central dentro deste movimento que nega a possibilidades das metanarrativas.

Como foi demonstrado nos Quadro 3 e 4, a corporeidade pode focar na multiplicidade de dimensões (JOÃO; BRITO, 2004; JOÃO, 2019), na construção de um corpo/corporeidade como objeto (LE BRETON, 2010) e na teoria da complexidade (AHLERT, 2011; JOÃO; BRITO, 2004; JOÃO, 2019). Estas ajudam a delinear a corporeidade no movimento pós-moderno, embora seja possível se considerar outras análises pós-modernas, como as de Gleyse (GLEYSE; KANEKO; SOARES, 2015).

A corporeidade na perspectiva pós-moderna, quando parte da teoria da complexidade, pode trazer a seguinte reflexão:

[...] a corporeidade, à luz do pensamento complexo, permite compreendermos o ser humano como ser complexo, estando todas as qualidades e dimensões pertencentes ao humano enraizadas em seu corpo. É através do corpo que podemos identificar a individualidade, a existência e o Ser, os quais remetem à organização (JOÃO; BRITO, 2004, p. 266).

Nesta perspectiva teórica, a corporeidade está entranhada no corpo individual, *locus* da existência humana, como “[...] resultado complexo da articulação do universo físico (“*physis*”), do universo da vida (“*bios*”) e do universo antropossocial” (JOÃO; BRITO, 2004, p. 267). Assim, os vários “universos” seriam capazes de constituir uma unidade, porquanto acredita-se que “[...] essa resistência é compreensível e, em certos aspectos, preferível à aceitação irrefletida da relevância dos estudos sobre o corpo, que acontece baseada na idéia [*sic!*] de que a corporeidade seria uma das saídas para

enfrentar a ‘falência das grandes narrativas’” (HEROLD JUNIOR, 2008. p. 109). Registra-se ainda que nenhum texto que adota o conceito corporeidade se insere na tradição positivista.

## 5. À Guisa de Conclusão

Para iniciar, é importante retomar o problema e os objetivos da pesquisa, sendo eles: Quais são as teorias epistemológicas em que o conceito Corporeidade é apresentado? Como objetivo geral, pretende-se analisar as perspectivas epistemológicas do conceito corporeidade. Como objetivo específico pretende-se analisar como alguns autores concebem corporeidade em seus textos.

Primeiro, é importante destacar que os dados deste estudo apontam para uma origem escolástica árabe (Avicena) e/ou cristã (Duns Scotus) do conceito, antes de ele ser popularizado por Merleau-Ponty. Então, corporeidade (*corporeitatis*), é anterior à criação da Fenomenologia moderna, principalmente, ao se considerar a criação desta matriz epistemológica por Edmund Husserl (1859-1938).

Quanto ao objetivo específico, pensando a partir dos conceitos presentes na literatura investigada, foi possível identificar a experiência vivida, coexistência entre sensibilidade e razão, meio de manifestação e interação com o mundo, a característica não absorvível da existência pessoal, múltiplas dimensões na complexidade humana, uma matéria de símbolo e o objeto da construção da sociedade e da cultura, uma elaboração social e histórica fundamentada na relação entre ser humano e natureza, para citar alguns.

Relativo ao problema e ao objetivo geral, inicialmente, havia uma tese (hipótese) de que o conceito de corporeidade fosse desenvolvido no paradigma fenomenológico. Após a pesquisa foi possível identificar a complexidade do tema. Do ponto de vista quantitativo, 65% dos textos analisados realmente se mantêm nesta tradição epistemológica, todavia,

foram identificados 25% dos textos que dialogam com perspectiva pós-modernas e 10% com o materialismo dialético. Não foram encontrados textos que falem de corporeidade a partir do positivismo, provavelmente, porque este paradigma trabalha a partir da concepção de máquina deixada pelo racionalismo de Descartes e de La Mettrie, ou com a concepção de um organismo do positivismo de Comte (1978).

Essa análise se emaranha quando alguns autores adotam corporeidade a partir do materialismo dialético (HEROLD JUNIOR, 2007; 2008; ARRAIS NETO, 2015). Esta dificuldade cresce quando este autor, em outros textos, traz o conceito corporalidade (HEROLD JUNIOR, 2012), sem ter sido possível neste estudo analisar o motivo deste uso. Pode ser que este pensador, assim como Nóbrega (2010) explicita, entenda que corporalidade e corporeidade são sinônimos em língua portuguesa e, assim, o conceito usado seria aquele que cada pesquisador tem como preferência, podendo ser usado alternadamente.

No movimento pós-moderno, devido às críticas quanto às grandes narrativas, o uso de corporeidade tende ao consenso. Concluindo, há vários limites nesta pesquisa, inclusive por ser uma revisão narrativa, indicando a necessidade de novas análises e alterações teóricas, pois se pretende demonstrar as possibilidades de análise e aprofundamento para este debate conceitual importante na atualidade.

## Referências

AHLERT, Alвори. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. *Espacios en Blanco. Revista de Educación*, v. 21, p. 219-240, 2011.

ARANDA, Rafael A. et al. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 18, n. 4, p. 735-747, 2012.

ARISTÓTELES. *Sobre a Alma*. v. 3, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

- ARRAIS NETO, Eneas. Dialética, marxismo multidisciplinar e corporeidade. *Revista Dialecticus*, ano 2, n. 6, p. 177-191, 2015.
- ARROYO, Miguel G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA – itinerários para uma vida justa*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- AVICENA, Ibn Sina. *Livro da alma*. São Paulo: Globo, 2010.
- BARCO, Aron P. A concepção husserliana de corporeidade: a distinção fenomenológica entre corpo próprio e corpos inanimados. *Synesis*, v. 4, n. 2, p. 1-12, 2012.
- BONFIM, Tânia R. Corporeidade e educação física. *Revista Fafibe Online: Faculdades Integradas FAFIBE*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).
- CORDEIRO, Alexander M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, v. 34, p. 428-431, 2007.
- DAL-COL, Patrícia S.; GALVÃO, Edna F. C.. Do paradigma da corporeidade à semiótica do corpo: uma reflexão sobre a produção de subjetividade nas vivências em Biodanza. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 5, p. 29836-29846, 2020.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método: regras para a direção do espírito*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FERREIRA, Terita M. da S.; BAPTISTA, Tadeu J. R. Concepção de corpo de estudantes de 1º e 8º períodos de duas Universidades de Goiás. *Educação: Teoria e Prática*. Rio Claro, v. 23, n. 44, p. 130-147, set.-dez. 2013.
- FREIRE, Luciana B. de Oliveira; LIMA, Patrícia F. R. Reflexões sobre Corpo, Práxis e Corporeidade. *Research, Society and Development*, v. 8, n. 8, p. e10881180, 2019.
- GAMA, Augusto C. V. *Implicações sociais da formação profissional do bacharelado em Educação Física sobre a compreensão de corpo, estética e educação*. Dissertação [Mestrado em Educação]. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.
- GAIGER, Paulo J. G. Um ensaio sobre a corporeidade. *Revista Perfil*. Porto Alegre. v. 4, n. 4, p. 95-102, 2000.

GLEYSE, Jacques; KANEKO, Glaucia L.; SOARES, Marta G. Do porto ao palco, um estudo dos conceitos de corporeidade e corporalidade. *Dialectiké*, IFRN, v. 3, n. 2, p.66-75, 2015.

GONÇALVES, Maria A. S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health information & libraries journal*, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Corporeidade e alteridade: reflexões a partir da história da educação e da área de trabalho e educação. *EFDportes – Revista digital*, Buenos Aires, Año 12, n. 110, p. 1-19, jul. 2007.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Os processos formativos da corporeidade e o marxismo: aproximações pela problemática do trabalho. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 98-111, jan./abr. 2008.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Corpo no trabalho e corpo pelo trabalho: perspectivas no estudo da corporalidade e da educação no capitalismo contemporâneo. *Trabalho, Educação, e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 11-35, mar./jun. 2012.

JOÃO, Renato B. Corporeidade e epistemologia da complexidade: por uma prática educativa vivencial. *Educação e Pesquisa*, v. 45, p. 1-17, 2019.

JOÃO, Renato B.; BRITO, Marcelo de. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 18, n. 3, p. 263-272, 2004.

KIRSTEN, Milena de L. G.; AVELAR, Luciane S.; BAPTISTA, Tadeu J. R. O conceito de corporalidade em periódicos da Educação Física brasileira: uma revisão integrativa. *Revista Motrivivência*, v. 34, p. 1-19, 2022.

LA METTRIE, Julien O. de. *L'Homme machine: avec une introduction*. Paris: Galérie D'Orleans, 1865.

LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. 4. reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. livro 1: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDEIROS, Francisco E. Concepções de corpo em livros de educação física: uma leitura em obras de autores brasileiros publicadas nos anos 80 e 90. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XI, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Sedigraf/CBCE, 1999, Caderno 3, p. 1310-1317.

MEDEIROS, Mara. *Didática e prática de ensino da educação física: para além de uma abordagem formal*. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1998.

MEDINA, João Paulo S. *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MOREIRA, Wagner W. (Org.). *Corpo presente*. Campinas: Papyrus, 1995.

MOREIRA, Wagner W. Formação profissional na área da educação física: o fenômeno corporeidade como eixo balizador. In: PACHECO NETO, Manuel (org.). *Educação física, corporeidade e saúde*. Dourados: Ed. UFGD, 2012, p. 31-43.

MOREIRA, Wagner W.; SIMÕES Regina. Corporeidade e formação profissional na área da educação física e dos esportes. In: PACHECO NETO, Manuel (Org.). *Desafios da Educação Física: cultura e corpo em movimento*. Dourados - MS: Ed. UFGD, 2016, p. 41-56.

NÓBREGA, Terezinha P. da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de psicologia*, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.

NÓBREGA, Terezinha P. da. Merleau-Ponty, corporeidade e Educação Motora. In: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1997, Goiânia. X CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Goiânia, 1997. Merleau-Ponty, corporeidade e Educação Motora. In: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1997, Goiânia. *Anais ...* Goiânia: CEGRAF, 1997, v. II. p. 1552-1557.

NÓBREGA, Terezinha P. da. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora e Livraria da Física, 2010.

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Rideel, 2005.

PORPINO, Karenine de O. Dançar é educar: refazendo conexões entre corpo e estética. In: NÓBREGA, Terezinha P. de (Org.). *Escritos sobre o Corpo: diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação*. Natal: Ed. da UFRN, 2009, p. 51-75.

SANCHEZ GAMBOA, Silvio A. Métodos mistos nas análises epistemológicas: balanço da produção do conhecimento em educação física no nordeste brasileiro (1980-2013). In: CHAVES-GAMBOA, M.; SANCHEZ

GAMBOA, S.; TAFFAREL, C. (Org.). *Produção do conhecimento na educação física no nordeste brasileiro: o impacto dos sistemas de pós-graduação na formação dos pesquisadores da região*. Campinas: Librum Editora, 2017, p. 26-37.

SANTIN, Silvino. Corporeidade. In: GONZÁLES, Fernando J.; FENTERSEIFER, Paulo E. (Org.). *Dicionário crítico de educação física*. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2014, p. 157-158.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.

SANTIN, Silvino. Qualidade de vida e esporte nos caminhos da filosofia da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner W.; SIMÕES, Regina (Org.). *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba: UNIMEP, 2002, p. 227-241.

SANTOS FILHO, José C. dos; GAMBOA, Silvio A. S. (org.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1997.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; AMORIM, Katia de S. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. *Psicologia em Revista*, v. 14, n. 1, p. 189-214, 2008.

SILVA, Alan C. et al. A visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física: fragmentada ou integrada? *Movimento*. Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 109-126, jul./set. 2009.

SILVA, Alan C.; SILVA, Fernanda A. G. da; LÜDORF, Silvia M. A. Formação em educação física: uma análise comparativa de concepções de corpo de graduandos. *Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 57-74, abr/jun. 2011.

SIMÕES, Regina; PICCOLO, Vilma L. N. Corporeidade e motricidade humana na educação física: uma possibilidade de transcendência da área. In: PACHECO NETO, Manuel (org.). *Educação física, corporeidade e saúde*. Dourados: Ed. UFGD, 2012, p. 13-29.

SOARES, Carmen L. et al. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZOBOLI, Fábio. *Cisão corpo mente: espelhos e reflexos na práxis da educação física*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

**Artigo recebido em: 19/03/2022**

**Artigo aprovado em: 09/04/2022**

**Artigo publicado em: 30/04/2022**